

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.360

Terça-feira, 1 de Maio de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Os trabalhadores devem hoje abandonar espontaneamente o trabalho afim de demonstrarem a sua revolta contra o regime capitalista-estadual.

AO POVO DE LISBÔA

Como demonstração de solidariedade operária perante o desenfreado egoísmo da classe capitalista deve todo o povo trabalhador de Lisboa abandonar o trabalho e comparecer no comício formidável que se realiza hoje, pelas 15 horas, no largo recinto do Atterro, a Santos, afim de comemorar com grandeza O DIA 1.º DE MAIO.

AO PROLETARIADO DA PROVÍNCIA

Todos os escravos modernos — os escravos do salário — recordando as vítimas que até hoje teem baqueado na luta pela liberdade, devem acorrer em massa aos comícios e sessões promovidos em todo o país pela Confederação Geral do Trabalho.

Realizam-se comícios nas seguintes localidades: Pôrto, Viana-do-Castelo, Braga, Guimarães, Vila Real, Póvoa de Varzim, Fafe, Vila do Conde, Matosinhos, Valença do Minho, Santo Tirso, Aveiro, Coimbra, Covilhã, Gouveia, Castelo Branco, Póvoa de Santa Iria, Peniche, Leiria, Almada, Cascais, Barreiro, Setúbal, Évora, Ervedal e Avis, Aldegaleta, Alvalade, Beja, Benavila, Escoural, Oeiras, Odemira, Moura, Aldeia Nova de S. Bento, Aljustrel, Souzel, Santiago do Cacém, Sines, Silves, Olhão, Faro, Lagos e S. Bartolomeu de Messines.

A todas estas localidades enviou a Confederação um delegado. No comício de Lisboa, usarão da palavra, além do delegado da C. G. T., delegados da Federação Rural, da Organização do Norte e da Federação das Juventudes Sindicalistas.

Nem um só trabalhador consciente deve deixar de comparecer nos comícios e sessões!

UMA DATA

O primeiro de Maio...

é uma posição evolutiva da Humanidade no seu giro natural em derredor da ideia libertária

O 1.º de Maio não data de 1886, nem um pouco de 1887. É um erro de revisão, é um erro de história, é um erro de análise supor-se o contrário. O 1.º de Maio, bem filosoficamente interpretado, está para a matéria social o que o globo está para a matéria astronómica. O 1.º de Maio operário e revolucionário é uma posição evolutiva da Humanidade no seu giro natural em derredor deste sol: a ideia libertária.

O 1.º de Maio da folhinha, do calendário sagrado, é a posição evolutiva da Terra em torno do Febo iluminante... O 1.º de Maio dista de longe, vem dos confins da velha história do sofrimento humano: 1886 e 1887 caracterizam simplesmente um trágico episódio na sangüinolenta luta que de longa data vem sendo travada contra os falsos sábios e os sacerdotes atrevidos, contra os corruptos magistrados e a sua prostituição da justiça, contra o direito da força e o deslumbramento dos palácios e das igrejas a insultar a humildade das cabanas.

As sangrentas peles desferidas na reacção americana *yankee*, em prol de mais um pouco de liberdade, pela redução de horas de cativo nas fábricas e oficinas, minas e ateliers, são os consequentes tirados dos antecedentes da guerra dos escravos que agitou, durante dois anos, a antiga Roma, hoje dominada por um novo Tito Lúcio de pacotilha—esse aventureiro que dá pelo nome de Mussolini... As potentes greves americanas foram os reflexos avivados das fenomenais explosões do operariado nos séculos XI, XII, XIII e XIV.

Foi a greve dos mestrais, em Florença e em 1318, que terminou por uma revolução triunfante; foi a greve dos curtidores de Troyes e dos tecelões de Doullens; foi a greve, estalada em 1541, dos operários impressores de Lyon, que provocou as fúrias de Francisco I; foram as greves da Alemanha contra as repressões do poder central e as greves da Inglaterra contra os editos reais; foram as greves lionesas de 1752, 1778 e 1780, verdadeiras insurreições vitoriosas, depois do período tenebroso das execuções capitais e das numerosas condenações às galés presidido pelo sanguinário e famigerado visconde de Lautrec—foram essas e outras greves que determinaram, apesar do prolongamento da escravidão americana, os movimentos de reivindicação operária e revolucionária no novo mundo, a partir de 1865, que deram origem à monumental greve de 16 de julho de 1877 nos caminhos de ferro da Pensilvânia, do Maryland, da Virgínia Ocidental, do Illinois, do Indiana e do Missouri.

O 1.º de Maio, pois, não é só a greve, proclamação de 1886, de 1887, é a insurreição espanhola de 1872; são as tentativas revolucionárias de Bolonha e Benavente, em 1874 e 1877; é a Comunha de Paris; é a revolta Conwelliana, é a insurreição dos camponeses em França, na Alemanha, na Rússia; são as indignações populares em Portugal—numa palavra: é a convulsão mundial em todos os tempos na conquista da Liberdade e do Bem estar geral.

O sacrifício de Adolfo Fischer, Jorge Engel, Alberto Parsons, August Spies, Luis Ling, Miguel Schwab, Oscar Neebe e Samuel Fielden foi o sacrifício de Tibério Graccho e de Caio Graccho que, como aqueles, tiveram a petulância, o arrojo, de tratar de uma questão agrária dum modo mais ou menos livre; foi o sacrifício de Spartacus, que, como aqueles mártires, teve a ousadia de insubordinar os escravos contra os senhores, dirigindo-os com a sua lealdade, com a sua inteligência, com a sua energia, com o seu muito amor aos princípios de liberdade.

Aqueles 8 propagandistas foram imolados ao banditismo político e capita-

lista, pela mesma razão porque foram imolados Giordano Bruno, Vassini e Galileu às ferocidades da estupidez religiosa. Contra as correntes dominantes da reacção burguesa, inclinaram-se reverentes ante as fulgurações do Pensamento Humano, respeitando a Evolução, admitindo a verdade da Ciência, defendendo o livre Exame. Afirmaram, sem receio de serem queimados, enforcados ou guilhotinados, que o universo do Pensamento Humano não é finito, mas infinito, atentando desafiante contra a doutrina oficial do Estado providencialista, do Capital edificado.

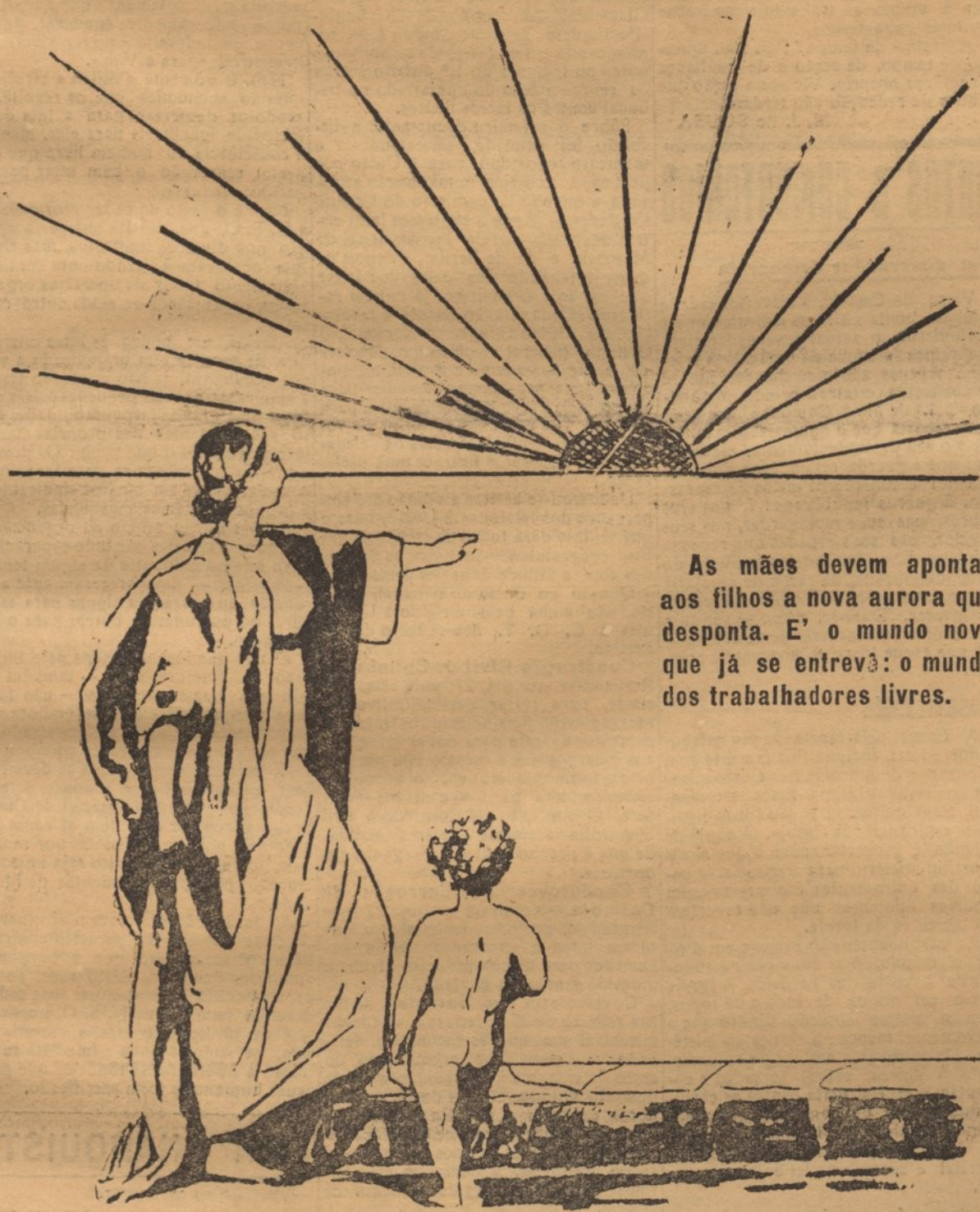
Asseveraram, com incrível intimidade, que o *geocentrismo* estatal e o *antropocentrismo* governamental são erros tendenciosos sustentados pela *Escritura* burguesa e autoritária, com o fim de conservar o proletariado na sua ignorância e na sua condição de explorados escarnecidos. Nem o Estado é o centro da esfera humana, nem as longitudes e latitudes idealistas de emancipação política, económica e social desta convergem para o poder centralista da Tirania, nem os homens do governo são os únicos, os exclusivos inspirados e predestinados pelo Deus Moloch, o Deus-Milhão, para fazer com que tudo lhes obedeça cegamente em nome da *divindade* fictícia que os privilegia. O fogo radiante e atractivo do Sol da Liberdade é que faz evoluir, até à sua desapareição, essa abstracção estatal, e há tantas humanas aspirações, quantas são as justas ideias capazes de produzir e sustentar...

Atestaram, com convicção e sem olharem a responsabilidades, que o Estado, que o Governo, seja ele qual for, é para o sociólogo libertário um sinónimo de Opressão e Absorção, como Deus é para o filósofo o sinónimo de Natureza. Se para um a matéria é eterna, para o outro o espírito de liberdade é incoercível: não é qualquer calabre müssolinico que o prende, que o agarra com a sua dentença de hiena...

Confirmaram, com um assombroso desapeço à vida e um inaudito ímpeto de energia, o *E pur si muove* das tendências para as ideias progressivas da Anarquia, cuja marcha é incoercível na sua evolução contínua... Por tudo isto é que foram sacrificados.

É certo que justificam a patifaria na explosão violenta dum bomba na praça Haymarket, no momento em que a polícia dissolvia também violentamente um comício realizado pelo operariado de Chicago, mas o capitalismo, a burguesia, terá alguma autoridade moral para nos falar destas coisas, de bombas revolucionárias, de violências populares? Se não fosse a violência e a invenção da pólvora, que pôs termo ao predomínio militar da nobreza, a burguesia jamais montaria a sua máquina governamental. Tem sido a metralha, a cressilite, a planície, o belite, o seguite, o ramite, o megante, o dinamite e mais drogas que terminam em *ite e ter*, como silvovente—que tem feito as guerras capitalistas de conquista, de destruição e morte, que são os elementos em que se fulcra a ocupação do Ruhr, para não falarmos que tem servido para todas as revoluções políticas, mesmo entre nós... Quem tenta assassinar Sacco e Vanzetti; quem manda perseguir e matar idealistas, incendiando-lhes os seus sindicatos, cooperativas e centros, como em Itália; quem ordena as agressões mortais e bárbaras nas pessoas dos militantes, como em Espanha—não pode falar em violências contrárias...

Também nos contrasta, sim, que os *partos* sociais, como os *partos* físicos, se tenham de fazer entre sangue. Mas foi entre sangue que se fundaram, sucessivamente e em ordem superior, as civilizações egípcia, grega, romana, germana e burguesa—com os seus prai-



As mães devem apontar aos filhos a nova aurora que desponta. E' o mundo novo que já se entrevê: o mundo dos trabalhadores livres.

AÇÃO EXPRESSIVA

Há já tantos anos que por esse mundo fora andam os pioneiros dum sociedade nova a dizer o que significa ou o que deve significar para os trabalhadores o dia 1.º de Maio, apesar disso, ainda muitos operários dos campos e das cidades se contam em Portugal que mostram desconhecimento que a data que hoje passa é de afirmação das ideias revolucionárias, uma das quais, a primeira, e a não menos expressiva, consiste no abandono das oficinas e de todos os outros locais de trabalho por aqueles que durante o ano exercem nesses lugares a sua actividade criadora.

Na indústria a que pertencem, como noutras, há os que no dia 1.º de Maio deixam a oficina pela mesma razão por que a abandonam em qualquer segunda-feira aprazível; os que o fazem com prévia licença do industrial e, finalmente, os que deixam de trabalhar por indicação dos respectivos agrupamentos sindicais ou sob o império da própria consciência.

Dos primeiros não nos ocuparemos mais, porque o seu acto não tem qualquer face louvável. Quanto aos segundos, diremos que, ao contrário do que provavelmente supõem, não tem significação revolucionária a sua acção, visto que abandonam o trabalho mediante concessão do industrial ou do patrão o mesmo é que testemunhar a estes inteira ausência de facultades de independência, capacitando-os ao mesmo tempo de que podem abusar da sua froxidão de vontade, sem terem que arrear-se dum brado de rebeldia.

Homens que mostram firmeza de resolução, são os que pertencem ao terceiro grupo, e muito mais aqueles que, para se associarem ao protesto que no dia de hoje o proletariado internacional realiza, não aguardam que os respectivos organismos corporativos lhes indiquem o caminho a seguir.

Entre esses estão valores com que se pode contar, não apenas para os vermos participar das manifestações, mais ou menos platónicas, que no dia 1 de Maio teem lugar, mas para lutarem com abnegação, em actos dos mais enérgicos, pelo triunfo dos princípios que o sindicalismo revolucionário agita.

De homens assim, tem o patronato tudo a temer, sobretudo se eles, posto não compareçam na oficina no dia de hoje, não pertencem, todavia, ao número dos que teem, por sistema, segundas-feiras aprazíveis...

Clemente Vieira dos SANTOS

Alexandre VIEIRA

1886-1887

A tragédia de Chicago

resultou para o operariado internacional um incentivo de protesto e - revolta contra o capitalismo -

Na América do Norte as classes operárias fizeram um movimento geral em 1886, para a reivindicação do dia legal de oito horas de trabalho, movimento que já vinha sendo preparado desde alguns anos pelas associações de classe operárias, o qual teve o maior incremento foi em Chicago, cidade nova e capital do Estado de Illinois.

Como a reclamação do dia normal de oito horas nunca tinha sido atendida pelos industriais, as classes operárias associadas tinham resolvido proclamar a greve geral para o dia 1 de Maio de 1886. A paralisação foi quase geral. Desde o dia 1 a 5 de Maio fizeram na dita cidade de Chicago grandes reuniões ao ar livre onde os agitadores daquele movimento social fizeram-se vestes discursos com o fim de, pela união de todos, poder pôr-se em prática o regulamento do dia normal de oito horas de trabalho.

Como este regulamento era contrário aos interesses dos capitalistas, estes não podiam deixar de votar ódio aos agitadores do movimento operário tendente a reivindicar melhoria de situação e outras regalias de necessidade para a manutenção da saúde de todos os que produzem a riqueza pelo próprio trabalho. Em vista deste movimento colossal das classes operárias na América, os capitalistas reacçãoários iniciaram e levaram a cabo um plano tenebroso com o fim de liquidar alguns dos organizadores daquele grandioso movimento, tidos e havidos como agitadores perigosos, quando realmente eram propagandistas dum ideal redentor para toda a humanidade oprimida.

Os burgueses mais reacçãoários, para levar a efeito tam repulente plano, abriram entre os capitalistas uma subscrição que rendeu alguns milhares de dollars, para subornarem juizes e jurados sem escrúpulos, e para comprarem inconscientes malvados que se prestaram a ser testemunhas falsas contra as vítimas escolhidas para serem condenadas à morte violenta. Para executar tam tenebroso plano, era preciso arranjar um plano que servisse de base e de pretexto.

No último comício daquele grandioso movimento grevista, na praça de Haymarket, quasi ao terminar, rebenta uma bomba de dinamite entre um pelotão de polícia quando esta ia arremetendo contra a multidão que formava aquela grandiosa assembleia, cuja explosão matou sete policias e feriu um.

Ninguém viu quem lançou a bomba.

Porém, um fiscal da lei confessou que nenhum dos processados tinha lançado a bomba, declarando ter sido um, tal Rodolfo Schnambelt. (*)

Este tal Rodolfo, que, certamente, foi comprado para cometer tam repugnante crime, teve a sorte de se escapar sem ser incomodado, dando lugar a que fossem condenados à morte sete inocentes e um a quinze anos de presidio, que ficaram sendo universalmente conhecidos como Mártires de Chicago.

O lançamento da bomba contra a polícia que arremeteu violentamente contra a assistência ao comício, foi o pretexto previamente planeado para instar pelo terror os movimentos de reivindicação proletária, condenando à morte alguns dos elementos mais prestimosos da propaganda emancipadora do povo trabalhador.

Em 1893, o novo governador do Estado de Illinois—John P. Altgeld—procedeu, impellido pelas reclamações das agremiações operárias, a uma revisão do processo que tinha servido de base para condenar sete homens à força e um a quinze anos de prisão, e certificou-se de que aqueles homens tinham sido condenados sem provas e escreveu uma *Mensagem* demonstrativa da inocência de todos os processados, vítimas do ódio dos capitalistas, como se prova pelo seguinte trecho da dita *Mensagem*:

... Além disso demonstra-se à evidência que a maior parte do processo não foi mais que pura invenção; que o zelo de algumas autoridades proeminentes da polícia chegou não só a aterrorizar os homens inocentes encerrando-os em um calabouço e ameaçando-os com a tortura se se negassem a fazer o juramento que as mesmas autoridades desejavam, como até ofereceram dinheiro e emprgo aos que se dispusessem a isso.

E ainda deliberadamente projectaram formar conspirações fictícias para terem a glória de as descobrir. Em abono deste caso faz-se referência em documentos, dos quais uma entrevista com o capitão Ebersold, publicada no *Daily News* de Chicago, em 10 de Maio de 1899.

Ebersold era chefe da policia de Chi-

(*) De *El Productor*, de Barcelona, 11 de Novembro de 1891, numero comemorativo dos mártires de Chicago.

REVULSIVOS

Sobre o mar, nas oficinas,
Nos campos, em toda a Terra,
Na profundidade das minas,
Ouve-se um canto de guerra
Contra as guerras assassinas.

E' um hino colossal;
O pronúncio da vitória
Do Trabalho universal,
No fim da noite da História
Que vem do tempo feudal.

Não é festivo, este dia;
E' de luto e de combate;
Não é de gozo e alegria
E' um toque de rebate,
Nos sinos da Rebeldia.

Convulso no seu pavor,
A burguesia — perdida —
Entrou, há muito, em estertor
Contudo, quasi sem vida,
Semela a Morte e o Terror.

Este Primeiro de Maio
Outra vitória define,
Mais fulminante que o raio.
Não venceu o Mussolini...
Enganou-se... Desculpa-o.

Lisboa 1-5-1923

José BENEDY

